

O grande e o pequeno

Vamos sensivelmente a meio de uma edição do Festival que começa já a ser inesquecível. Num fim-de-semana com todas as salas esgotadas, as longas ovações aos espectáculos de Ivo van Hove ou de Josef Nadj redimiram-nos de não os podermos ter tido conosco no ano passado. Ainda com as lotações pela metade, é certo, o Festival vai no entanto retomando o passo. E repararam no 'caracol' de espectadores à entrada do CCB, a fazer lembrar o do Palco Grande? Para o ano lá estaremos.

Mas a singularidade desta edição não se mede só pelas salas esgotadas e pelos aplausos, de pé, no fim-de-semana que passou. De facto, no Fórum Romeu Correia, Josef Nadj dirige um seminário para apenas onze actores e/ou bailarinos que constitui uma oportunidade preciosa e rara. Que frutos darão estes cinco dias, discretos e inesquecíveis, nos corpos dos que neles participam?

Quando me pedem para falar de como se esboça uma programação, como se opta por determinado espectáculo ou criador, numa miríade cada vez mais copiosa e mais baralhada de possibilidades, nunca me canso de recordar uma expressão que Joaquim Benite utilizava quando lhe perguntavam o mesmo. Aprendera-a numa feira em Famalicão, numa banca de enchidos, e repetia-a vezes sem conta. "Ó doutor, isto é preciso é ter um bocadinho de tudo", atirou-lhe a vendedeira, quando o Joaquim se espantou com a variedade de produtos expostos. É igual: nos palcos, nos colóquios, nas formações, à mesa da Esplanada ou do Restaurante, onde quer que haja pelo menos duas pessoas que amem o teatro. Um bocadinho de tudo. | **Rodrigo Francisco**

Sobre *színház*



O livro da 8.ª edição d'*O sentido dos Mestres*, baseado no seminário de Nadj, será coordenado pelo actor e encenador Pedro Fiuza

Com Josef Nadj estamos sempre em busca de uma ideia primordial. Hoje deveríamos dar um nome ao nosso encontro. Dar um nome clarifica.

Um nome com três palavras: Teatro Invisível Presente. Não importa a ordem, se os conceitos forem justos a ordem é uma mera opção estética.

Seguimos com o nosso aprofundamento cosmogónico. Nestes dois dias temos sempre mantido uma ideia de Universo total, originário, uma memória absoluta que ultrapassa o nosso próprio ser.

Partimos para dois dos primeiros signos humanos, a espiral e a cruz. Como trabalhar a partir destes códigos (chamar códigos é provavelmente pouco), signos, símbolos, é uma ideia metafísica antropológica.

A espiral é o caminho, de fora para dentro e de dentro para fora. Quando foram juntas as três es-

pirais ganhámos os três lugares, céu, terra, debaixo da terra. A cruz é a conjugação perfeita do espaço (horizontal) e do tempo (vertical).

Falamos ainda de signos ancestrais, que se repetem em vários lugares do mundo, que apesar das diferenças culturais ou civilizacionais, mesmo em tempos diferentes, se repetem. Estes signos talvez nos provem que existe um mecanismo humano suficientemente forte para a criação de um movimento comum.

É atrás desse movimento comum que faremos o nosso percurso. Voltamos à cruz. O corpo vertical é logo no imediato uma ideia de presente. Uma pré-narrativa. Um estar. Um estar implica uma teatralidade imediata. O presente do corpo absoluto, já comunicante, mas ainda em estado latente.

A partir dessa verticalidade começa a construir-se a horizontalidade, o espaço, um passo, um

movimento com o braço, o infinito das opções narrativas (?).

Com Josef Nadj seguimos a importância absoluta do movimento.

Movimento filosófico.

Movimento de memória.

Movimento narrativo ou consequentemente narrativo.

Movimento sempre paradoxal.

Como qualquer conceito artístico que se procure a si mesmo. E como pegar nessa formulação para tornar visível um conceito, escrevendo o movimento no corpo.

Amanhã passaremos ao corpo, ao nosso corpo de intérpretes. | **Pedro Fiuza**



50 ANOS DE PLATEIA

Continuar caminho



© Luana Santos

Sérgio Figueiredo, 3 anos de plateia

Almada, terra de ouro que num palco espalha a magia das artes pelo mundo. Teatro de sonhos e histórias da história, contadas em cena por quem de perto tanto conta, mesmo sem palavras.

Sou viajante do tempo, passageiro desta carta aberta, com uma mensagem de alegria por seres há 50 anos a Companhia que inspira e motiva a continuar caminho, por seres a continuidade dos sonhos que só em ti vivemos, tal como todos os sentimentos que carregas sem peso e a todos distribuis.

Outrora um monumento azul foi

porta do progresso e deu azo ao prolongamento da história pelos feitos em sua cidade, também neste teu edifício de harmonia celeste serás a casa de todos os que em ti procurarem alcançar a eternidade dos sentidos, da paixão pela arte em tua plateia.

Nesta caminhada pelo teu tempo sem tempo, os teus 50 anos são o juntar de todos aqueles que contigo sorriram, choraram e se emocionaram e que tal como eu são amigos que desejam mais e mais tempo de arte e companhia, para juntos continuarmos o sonho de promover o bem maior, a cultura.

O FESTIVAL VISTO DE FORA

Uma tabacaria em frente à janela



© Marie Bacelar

No poema *Tabacaria*, Fernando Pessoa / Álvaro de Campos conta que para entender o mundo, e portanto entender-se a si mesmo, basta-lhe observar, através da janela, a tabacaria que tem em frente da sua casa.

Sabe que não é ninguém, nem será nada, e que apenas sabe sonhar: algo, diz, que não serve para nada. A nós, espectadores de teatro, acontece mais ou menos a mesma coisa. Não somos ninguém, não somos nada, porém queremos sonhar.

Durante dois dias, entre Lisboa e Almada, conheci um pai e um

filho que se reconciliaram apesar de um passado violento e tormentoso. Viajei para a origem do mundo. Estive no Norte de França e em todos os subúrbios da Europa. Estive em África e em todos os lugares onde se dança.

Graças ao Festival de Almada, que me ofereceu a oportunidade de me sentar nas suas plateias e de olhar através das suas janelas.

Dentro, em casa, conheci o Rodrigo, o Miguel, a Carina. E cruzei o Tejo de barco.

Pouco? Não sei se Édouard Louis e Josef Nadj sonharam tanto. | Andreu Gomila (jornalista), tradução de Maria Eduarda Vieira

Olá, abatanado e adeus

Não são de todo insondáveis as razões que levam alguns estrangeiros a debruçarem-se sobre o significado de determinadas palavras portuguesas. É o caso de Ivo van Hove, que tomou um café connosco no Rosio. Café, não. Na verdade queria um *allongé*, à francesa. Fazendo jus à nossa queda para línguas, surgiu logo a tradução: abatanado. Falou-se de teatro (muito) e de pandemia (pouco). Deu para

ficarmos a saber que no Festival d'Avignon as lotações das salas não têm qualquer redução (como os aviões, de resto). À despedida, van Hove acabou por confundir a palavra recentemente aprendida com outro dos dois únicos termos portugueses que conhece — *olá e adeus* —, brindando-nos com um surrealíssimo "*See you soon and abatanado*". Resolvemos não corrigi-lo: há certos equívocos cujo charme nunca cai bem desfazer.

Duas personagens na Esplanada

Amanhã às 18h Sara de Castro e Carla Galvão — as atrizes que co-criaram e interpretam *Duas personagens*, de Tennessee Williams — vão estar à conversa com o público na Esplanada da Escola D. António da Costa. A conversa será moderada pelo crítico de teatro, tradutor e dramaturgo Francisco Luís Parreira. *Duas personagens* está em cena até Quarta-feira no Teatro-Estúdio António Assunção.

AGENDA DE AMANHÃ

15:00

O sentido dos Mestres com Josef Nadj
Fórum Romeu Correia

18:00

Conversa com Sara de Castro e Carla Galvão
Esplanada do Festival

20:30

Duas personagens
Teatro-Estúdio António Assunção

RESTAURANTE
do teatro

HOJE

Esparguete à bolonhesa
Lulas recheadas

AMANHÃ

Rolo de carne com tâmaras
Pescada com ameijoas

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz · Almada

Nós também vamos ao Festival



© Luana Santos

A participação das crianças no Festival vem de longe: na *Folha Informativa* de 9 de Julho de 1986 podia ler-se que "a III Festa tem várias actividades voltadas para a infância, com fantoches, teatro, jogos e música popular". Ao espectáculo da CTA *Bom dia palhaço*, de Carlos Pinhão, assistiu "um numeroso grupo de crianças da zona do Bairro do Matadouro". Este ano apresentámos *Pastéis de nata para Bach*.

